

**O GUERRILHEIRO NGUNGA E O CANGULEIRO JOÃOZINHO:
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA JUVENTUDE
EM DUAS NARRATIVAS AFRO-IBERO-AMERICANAS**

Eidson Miguel das Silva MARCOS
Universidade Estadual da Paraíba/Universidade Federal do Rio Grande do Norte
E-mail: eidson_miguel@hotmail.com
Amarino Oliveira de QUEIROZ
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
E-mail: amarinoqueiroz@yahoo.com.br

RESUMO: Na tentativa de realizar uma cartografia cultural afro-ibero-americana voltada também para o universo da literatura infantil e infanto-juvenil produzida originalmente em língua portuguesa, o presente artigo se dedica a uma leitura comparativista que tem como ponto de partida os textos infanto-juvenis *As Aventuras de Ngunga*, do escritor angolano Artur Pestana, mais conhecido como Pepetela, e *Cabra das Rocas*, do escritor norte-rio-grandense Homero Homem. Em ambas as novelas serão privilegiadas representações sociais da infância e da juventude e o papel da formação do indivíduo nesse processo, uma vez que tanto através do personagem Ngunga de Pepetela quanto no Joãozinho de Homero Homem é destacado o acesso à educação como arma fundamental para a tentativa de superação das diferenças. O exercício de leitura crítica se apoiará fundamentalmente em estudos desenvolvidos por autores como KHÉDE (1990), CAETANO (2006) e, sobretudo, OLIVEIRA (2010).

Palavras-chave: Literaturas de língua portuguesa; infância e juventude; representações sociais.

Dentro do universo das literaturas afro-ibero-americanas perspectivado a partir do Brasil, a leitura, difusão e análise crítica dos textos produzidos na África oficialmente iberófona e, em particular, daqueles que se voltam para o público infanto-juvenil de língua portuguesa continuam padecendo, em sua maioria, de um processo de invisibilização que compromete não apenas a sua popularização junto ao público-alvo como também a própria apreciação crítica por parte da pesquisa especializada. Levando em conta as possibilidades que o exercício comparativista pode desencadear, consideramos oportuno estabelecer uma aproximação entre a literatura infanto-juvenil angolana, recortada na novela *As Aventuras de Ngunga*, de Pepetela (cuja trama descreve parcialmente a trajetória de um jovem guerrilheiro em pleno processo de luta pela independência daquele país) com *Cabra das Rocas*, de Homero Homem, texto

infanto-juvenil que representa outra não menos invisibilizada expressão criativa do universo literário brasileiro, nomeadamente a literatura potiguar.

Desse modo, acreditamos que investigar a representação da infância emergida desses textos, seja tratando do protagonismo infantil, seja flagrando o olhar do narrador jovem e sua mundivivência poderá consistir num exercício bastante promissor, haja vista o silenciamento ao qual, como dissemos, ainda está sujeita a matéria em nosso meio. Um balanço das produções dedicadas ao público infanto-juvenil oficialmente lusofalante certamente revelará, na especificidade do mercado brasileiro, o descompasso e a grande lacuna existente no que tange à edição de leituras críticas dedicadas particularmente aos textos africanos. Não obstante, nos últimos anos essa situação vem sendo alterada com a aparição de estudos como *Personagens negros na literatura Infanto-juvenil no Brasil e em Moçambique: entrelaçadas vozes tecendo negritudes*, tese de doutoramento defendida na Universidade Federal da Paraíba em 2010 pela Profa. Maria Anória de Jesus Oliveira, para ficar apenas com um exemplo.

No que diz respeito propriamente à publicação de textos ficcionais, uma exceção se destaca se pensarmos no pioneirismo da edição de *As Aventuras de Ngunga*, novela escrita em 1972 pelo angolano Artur Pestana, o Pepetela, cuja primeira impressão realizada no Brasil ocorreu no ano de 1980. Produzida em meio ao processo de luta armada que envolveu as independências nacionais das antigas colônias portuguesas na África, a novela em questão apresenta, através do protagonista Ngunga, menino órfão de 13 anos de idade, uma peculiar representação da infância dentro da trajetória independentista angolana e os vários desdobramentos que, nesse contexto específico, o personagem se vê obrigado a encarar.

Como sabemos, o século XX foi marcado por conflitos de diversas ordens, dentre os quais se destacam os movimentos pró-independência que ocorreram em vários países do continente africano, então colônias europeias, os quais empreenderam investidas simultâneas no campo cultural e militar em prol de sua autonomia e autodeterminação. Dessa realidade emergiram inúmeras manifestações artísticas que procuravam expressar a relação, a visão e o posicionamento de artistas e intelectuais africanos quanto ao cenário de conflito no qual estavam envolvidos, inclusive no âmbito da literatura. Considerando que a leitura do texto literário pode também configurar um procedimento de percepção da realidade objetiva, buscaremos analisar os elementos constituintes do personagem Ngunga a partir de sua condição de jovem guerrilheiro e protagonista da luta pela independência de Angola na novela, assim como a representação que o personagem infantil suscita dentro da obra, uma vez que, conforme argumenta Maria Anória de Jesus Oliveira (2010:60), essa “produção literária destinada às crianças, assim como as demais artes, não ficou parada no tempo, sofreu influências históricas e ideológicas”.

Nesse sentido, embora o texto aponte para outros olhares possíveis, caracterizando uma observação mais abrangente sobre os personagens infanto-juvenis - como é o caso de Uassamba e Chivuala, que assim como Ngunga tiveram que adentrar precocemente para o universo dos adultos, concentraremos o nosso olhar sobre o protagonista, mesmo porque, como observa a pesquisadora Adriana Bayer,

As outras personagens jovens, Chivuala e Uassamba, não se transformam na narrativa. O garoto apresenta natureza perversa, não expõe nenhum comprometimento com a causa defendida pelo Movimento. Mediante essas ações, o rapaz demonstra resistência em sua não-integração com outros personagens e com a sociedade. Ngunga, entretanto, afirma que Chivuala podia ter se modificado, se o professor demonstrasse interesse pelo indivíduo. Uassamba, por sua vez, é a menina-mulher que revela complacência diante de sua situação. (BAYER, 2008, p. 278).

Ao investir na leitura de textos narrativos africanos produzidos ao longo do século XX, período no qual se acirram as tensões entre metropolitanos e colonizados e que teve por consequência, conforme mencionado, as sucessivas independências nacionais faz-se necessário levar em conta o fato de que, de acordo com o argumento defendido pelo sociólogo angolano José Carlos Venâncio (1992:6), “é impossível conceber a formação do que geralmente designamos de literatura africana (i. e., literatura africana em línguas europeias) desligadas do fenômeno do colonialismo”. Tal assertiva é corroborada por pesquisadores dessas literaturas em particular, para muitos dos quais é importante “atentar para o fato de que a apreciação crítica do texto literário africano não poderá realizar-se de modo mais efetivo se o dissociamos de seu respectivo contexto cultural e político” (QUEIROZ, 2007:49-50). Reportando-se às especificidades do texto africano voltado para a infância e a juventude, é ainda Maria Anória de Jesus Oliveira (2010) quem vai chamar a atenção para a necessidade de considerar o contexto social dessas produções, entabulando uma leitura crítica que assimila as relações dialógicas entre o texto produzido e o meio social ressaltando, no entanto, que esta operação não deve ser entendida ou processada como uma redução do texto literário ao contexto histórico, já que

muitas obras continuam transcendendo o limite cronológico e os respectivos espaços sociais. Prosseguem desafiantes, instigando-nos às releituras. Nas análises fica, pois, sempre algo a ser dito, complementado, dadas as amplitudes interpretativas que sugerem (...). Eis um dos papéis da crítica e dos estudiosos da arte literária em suas vertentes diversas e, às vezes, divergentes. (OLIVEIRA, 2010, p.77).

Tendo como referência o caso angolano em particular e somando-se a essa perspectiva analítica, a Profa. Laura Padilha ressalta que

Literatura e construção da nacionalidade são as duas faces de uma mesma moeda, cunhada em um primeiro momento, entre 1948 e 1975, pelas várias gerações de escritores. Nascem, pois, ao mesmo tempo, a moderna literatura, a consciência da nacionalidade e a luta pela libertação, sendo difícil separar os processos estético e político-ideológico, que estabelecem entre si significativas interfaces, mesmo depois da independência. (PADILHA, 2007, p. 175)

Nesse ponto, é oportuno frisar que o texto apresentado em *As Aventuras de Ngunga* parece extrapolar os limites que o poderiam enquadrar, exclusivamente, na categoria infanto-juvenil, uma vez que, tendo surgido como material de intenção paradidática dirigia-se inicialmente “a jovens e adultos recém-alfabetizados em português nas bases do MPLA” (MACEDO e CHAVES, 2007, p. 154), espaço no qual militava o seu autor.

Natural de Benguela, Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos, o Pepetela ¹, nasceu a 29 de outubro de 1941. Engajado, conforme referíamos, no Movimento Popular para a Libertação de Angola - MPLA lutou pela independência de seu país natal, aderindo inclusive à resistência armada. O foco de grande parte de sua obra recai na trajetória histórica e nos problemas que a sociedade angolana enfrenta. Em seu texto *As Aventuras de Ngunga* (1972) analisa, num tom épico e didático, o desenvolvimento do jovem guerrilheiro do MPLA Ngunga, apresentando aspectos da geografia e psicologia de Angola e colocando em confronto tradições locais e ideologia revolucionária.

Ngunga é um órfão de treze anos. Os pais foram surpreendidos pelo inimigo, um dia nas lavras. Os colonialistas abriram fogo. O pai, que era já velho, foi morto imediatamente. A mãe tentou fugir, mas uma bala atravessou-lhe o peito. Só ficou Muassango, que foi apanhada e levada para o Posto. Passaram quatro anos, depois desse triste dia. Mas Ngunga ainda se lembra dos pais e da pequena Muassango, sua irmã, com quem brincava todo o tempo. (PESTANA, 1981, p. 57 – 59).

Nesse contexto, cabe ao protagonismo infantil, no presente caso personificado em Ngunga, assinalar uma importante representação da realidade, isto é, uma maneira exemplar de leitura e interação com o meio circundante. Nascido em meio à guerra, Ngunga está envolvido e afetado por questões e problemas a ela referentes, pelo que se vê naturalmente impelido a posicionar-se diante dos acontecimentos, e o faz segundo uma perspectiva ética e revolucionária, pois:

Na medida em que fala sobre os comprometimentos dos indivíduos e dos grupos que interagem no contexto da luta pela independência, o livro de Pepetela explicita os níveis de consciência e as ações que lhes são correspondentes. Assim, a história de Ngunga constitui, muitas vezes, uma denúncia da corrupção que pode estar instalada entre os próprios angolanos, mostrando que a construção do novo país não implica apenas uma luta com o colonizador, mas também um combate interno às velhas mentalidades. (CAETANO, 2006, p. 44-45).

¹ O termo pepetela significa, em quimbundo, a tradução do vocábulo pestana, corrente em língua portuguesa e registrado como sobrenome do autor.

N'As *Aventuras de Ngunga* emerge, em meio ao cenário angolano da luta pela independência, um forte tom pedagógico no tocante à atuação do indivíduo frente aos conflitos sociais, no choque entre os velhos costumes e as concepções revolucionárias embutidos no ambiente da guerra entre metrópole e colônia. É o que se pode depreender no fragmento destacado abaixo, no qual Ngunga discute com o comandante guerrilheiro Mavinga a vontade (necessidade) de se por um fim no alambamento, ou alambamento, costume tradicional familiar mantido nas comunidades de linhagem patriarcal que consiste na prática de negociar mulheres para pretendentes a esposa:

– Hei-de lutar para acabar com a compra das mulheres – gritou Ngunga, raivoso. – Não são bois!

– Para isso precisas de estudar. Eu não sei sobre o alambamento. Sempre se fez, os meus avós ensinaram-me isso. Mas, se achas que está mal e que é preciso acabar com ele, então debes estudar. Como aceitarão o que dizes, se fores um ignorante como nós? (PESTANA, 1981, p. 54).

Apesar da pouca idade, Ngunga já apresenta uma postura ética e revolucionária, na medida em que não entende, não aprova e nem reproduz o egoísmo que imagina inerente aos adultos, na sua curiosidade de conhecer o mundo, na disciplina e no destemor que apresenta diante dos trabalhos e dos desafios que aparecem, como no caso do Presidente Kafuxi:

Quando chegava um grupo de guerrilheiros ao kimbo, Kafuxi mandava esconder a fuba. Dizia às visitas que não tinha comida quase nenhuma. Se alguma visita trouxesse tecido, então ele propunha a troca. Sempre se lamentando que essa era a última quinda de fuba que possuía. Se a visita não tivesse nada para trocar, então partia do kimbo com a fome que trouxera. (PESTANA, 1981, p. 15)

Ao presenciar tais fatos,

Ngunga pensava, pensava. Todos os adultos eram assim egoístas? Ele, Ngunga, nada possuía. Não, tinha um coisa, era essa força dos bracitos. E essa força ele oferecia aos outros, trabalhando na lavra, para arranjar a comida dos guerrilheiros. O que ele tinha, oferecia. Era generoso, mas os adultos? Só pensavam neles. Até mesmo um chefe do povo, escolhido pelo Movimento para dirigir o povo. Estava certo? (PESTANA, 1981, p. 15)

A passagem do personagem pela aldeia do Presidente Kafuxi é exemplar. Nesse kimbo, Ngunga trabalha duro nas lavras, executando serviços de adulto, produzindo alimentos para os guerrilheiros do MPLA, ficando apenas com sobras, sem reclamar, já que tudo é pelo bem da causa revolucionária. No entanto, quando descobre que o chefe do kimbo, o Presidente Kafuxi não entrega a quantidade de comida que devia aos guerrilheiros, pois tinha mais posses que os demais, tem a coragem de desmascarar a farsa diante de um comandante de esquadrão e de outros três guerrilheiros do movimento e, imediatamente, retirar-se e procurar outros caminhos.

E, um dia em que apareceu o Comandante do Esquadrão com três guerrilheiros, aconteceu o que tinha de acontecer.

O velho lamentou-se da fome, dos celeiros vazios. Mandou trazer um pratinho de pirão para o comandante. Para os outros nada havia. O comandante teve de dar dois metros de pano e outro pratinho apareceu.

Ngunga não falou. Começava a perceber que as palavras nada valiam. Foi ao celeiro, encheu uma quinda grande com fuba, mais um cesto. Trouxe tudo para o sítio onde estavam as visitas e o Presidente Kafuxi. Sem uma palavra, poisou a comida no chão. Depois foi à cubata arrumar as suas coisas.

Partiu, sem se despedir de ninguém. O velho Kafuxi, furioso, envergonhado, só o mirava com os olhos maus. (PESTANA, 1981, p. 15).

O personagem Ngunga configura uma leitura crítica da inserção do jovem em uma sociedade em conflito. Reiterando o que propõe o professor e crítico literário Marcelo José Caetano (2006: 50), o jovem Ngunga representa “o guerrilheiro-modelo, norte dos caminhos e das esperanças, fazendo-se, por um lado, presença que atualiza o imaginário coletivo nacional”; por outro lado, delineia um “substrato ontológico, a nova base de valores que deverá sustentar a identidade nacional a ser construída”. Os personagens, segundo Maria Anória de Jesus Oliveira (2010, p. 168), na sua condição de elementos constitutivos do processo narrativo podem sugerir “leituras do seu modo de ser e de se relacionar com o mundo (...) através da voz do narrador, quando relata a história utilizando-se da primeira ou terceira pessoa do singular e/ou do plural”. No caso da novela *As Aventuras de Ngunga*, o protagonismo infantil flagrado através do personagem homônimo representa uma tomada de consciência diante das mazelas sociais, além de ilustrar uma atuação ‘ideal’ diante dos conflitos nos quais o jovem está inserido. O fragmento reproduzido a seguir nos fornece, em tom abertamente didatizante, uma tentativa de exemplificação do que se discutia anteriormente. Nesta passagem, Ngunga é destituído de sua condição de indivíduo e alçado a uma espécie de personagem modelar, projetando-se, portanto, do protagonismo infantil para um patamar comportamental que assume, metonimicamente, o ideal coletivo:

Camarada pioneiro:

Procurei em todas as escolas, a ver se encontrava o Ngunga. Mas foi em vão. Vi pioneiros que podiam ser ele, mas negavam sempre. (...)

Observa bem, portanto, o camarada que fica a teu lado na formatura. Sabes de onde veio? (...) É um pioneiro que fala pouco e trabalha muito? É um pioneiro que nunca se gaba do que já fez e está sempre pronto a fazer mais? É um pioneiro que só quer aquilo que todos os outros têm? É um pioneiro que diz sempre a verdade, à frente de quem quer que seja?

Vê bem, camarada pioneiro. Talvez esse camarada que contigo estuda, contigo come, contigo brinca, seja o Ngunga.

Vê bem, camarada.

Não serás afinal tu? Não será numa parte desconhecida de ti próprio que se esconde modestamente o pequeno Ngunga? (PESTANA, 1981, p. 57 – 59).

Dessa forma, e considerando que os personagens de ficção “como elementos ativos dentro da narrativa, representam valores através dos quais a sociedade se constitui” (KHÉDE, 1990:5), podemos perceber que Ngunga é a representação de um ideal, da superação ética, da luta e conquista, dos sonhos do povo angolano que reivindica a autonomia da nação, pois:

As crianças e os jovens têm sempre, na literatura prometeica, como é a de toda a África, um papel muito importante, de gazuas do futuro, simbolizando, em última instância, o triunfo do novo sobre a velha tradição e sobre a dominação colonial. (LARANJEIRA, 1995, P. 128).

Ou seja,

Ngunga constitui uma espécie de superego para os angolanos que lutam pela independência do país. A voz desse menino órfão e solitário cujo nomadismo redesenha o mapa de Angola, elabora a consciência social almejada como o bem mais precioso de uma nação que ainda não conquistou a maturidade e que, por isso, além dessa consciência, não possui mais nada verdadeiramente seu. Contudo, a força que emana de tal consciência, com a força dos “bracitos” de Ngunga, é suficientemente poderosa para desencadear a ação, para alterar a realidade concreta das coisas. (CAETANO, 2006, p. 45).

Não só o jovem, mas a própria imagem da educação, intrinsecamente ligada à da criança e do jovem, como que configurando a equação *jovem + educação = triunfo do bem*, será incorporada a esse ideal:

A escola já estava pronta, podiam começar as aulas. O professor União tinha sido enviado de longe pelo movimento, para ensinar. No tempo do colonialismo, ali nunca tinha havido escola, raros eram os homens que sabiam ler e escrever. Mas agora o povo começava a ser livre. O movimento, que era de todos, criava a liberdade com as armas. A escola era uma grande vitória sobre o colonialismo. O povo devia ajudar o MPLA e o professor em tudo. Assim, o seu trabalho seria útil. As crianças deviam aprender a ler e a escrever e, acima de tudo, a defender a Revolução. Para bem defender a revolução, que era para o bem de todos, tinham de estudar e ser disciplinados. (PESTANA, 1981, p. 24).

A leitura até aqui empreendida acerca da novela *As Aventuras de Ngunga* nos permite traçar algumas considerações acerca de seu desdobramento em nosso contexto, isto é, Brasil, Região Nordeste, sobretudo em dois pontos principais:

- O primeiro remete à leitura que tal texto pode suscitar no cenário brasileiro, não só pela observância de leis como a 10.639/2003 e a 11.645/2008, que, como sabemos, tratam da inclusão de conteúdos voltados para a História, as culturas e as Literaturas dos povos africanos, afro-descendentes e indígenas no Brasil, mas, sobretudo pelas analogias à atuação e problemas do jovem brasileiro em seu contexto, pois, a despeito dos mitos de democracia racial e social, grande parte dessa juventude enfrenta em seu cotidiano duros desafios como o preconceito e a violência real e simbólica, desafios estes que são tematizados também em *As Aventuras de Ngunga*.

- O segundo remete às perspectivas de desdobramentos que obras como a enfocada nesse trabalho apresentam no âmbito dos estudos literários, principalmente quando consideramos as possibilidades de aproximações entre obras africanas, em língua portuguesa especialmente, e obras brasileiras. E isto ainda mais se considerarmos que

(...) a prosa de ficção brasileira tem um pendor documental reportando-se às questões histórico-sociais quase que diretamente.

Por sua vez, a literatura infanto-juvenil brasileira, pelas mais variadas razões – que passam pelos interesses pedagógicos imediatistas e pela luta política por uma sociedade mais justa –, vai se caracterizar por essa vertente histórica fortemente apoiada em fatos e situações caracterizadores da sociedade brasileira dos últimos vinte anos de autoritarismo institucionalizado.

Mesmo quando os textos se constroem a partir do fantástico ou de um eixo simbólico mais psicológico ou psicanalítico, a relação quase que direta com o referente externo é uma constante. (KHÉDE, 1990, p. 8)

Pensando nas possibilidades que o exercício comparativista entre textos produzidos em língua portuguesa nos mais variados quadrantes nacionais pode desencadear, consideramos oportuno mencionar, a título ilustrativo, uma aproximação entre a obscurecida literatura infantil angolana e outra, conforme já havíamos referido, não menos invisibilizada que é aquela produzida no Estado do Rio Grande do Norte, aqui representada pela novela *Cabra das Rocas*, do escritor Homero Homem. No mesmo período em que, envolvido com a luta travada em Angola Pepetela escrevia e publicava *As Aventuras de Ngunga*, no Brasil Homero Homem lançava a novela *Cabra das Rocas*, que apresenta a trajetória de Joãozinho, menino pobre da periferia de Natal/RN.² Publicada pela primeira vez em meados da década de 60 do século passado e ambientada na cidade de Natal, *Cabra das Rocas* é protagonizada pelo canguleiro Joãozinho, jovem personagem estigmatizado por esse designativo social que demarcava os moradores de baixa renda na zona ribeirinha da capital norte-rio-grandense.

Diferentemente de *As Aventuras de Ngunga*, onde o exercício narrativo apresenta uma voz onisciente que conclama e alterna a diegese da obra com outras vozes narrativas em diálogo, situando-nos num tempo que oscila entre o passado e o presente além de projetar-se em direção a um futuro idealizado, na novela *Cabra das Rocas* encontramos um narrador que, sempre na primeira pessoa, olha fundamentalmente para o passado e extrai dali, numa rememoração permanente, os episódios sucedidos na infância que vão alimentar a sua substância narrativa. Ou seja: nesse texto, ambientado no pitoresco bairro das Rocas, cenário eleito para que o autor apresente conflitos de classe existentes no âmbito da formação da própria capital potiguar, Homero Homem “explora de forma competente um veio onde se situam impressões resgatadas da memória” (GURGEL, 2001:82-83). Sonhando, entretanto, com um futuro melhor, Joãozinho, o protagonista de *Cabra das Rocas* é um menino de 11 anos que, tal como o Ngunga de Pepetela luta para superar os obstáculos e os preconceitos que a vida e as desigualdades sociais lhe impuseram:

Em nossa cartilha de palavrões, xarias era o supremo xingamento. Designava o morador da Cidade Alta, urbano e próspero, comedor de xaréu, peixe proibido à fome humilde do povo das Rocas, que o arrancava do mar a ponta de anzol e ia vendê-lo no mercado da Cidade Alta.

Para nós do Paul ficava o peixe do quebra-mar, miúdo, recamado de espinhas, comedor de mangue e dos detritos orgânicos que boiavam livremente no trapiche do rio. Aí abundava o cangulo, prato de resistência das Rocas da Frente.

² Em sua *Informação da Literatura Potiguar*, o escritor e crítico norte-rio-grandense Tarcísio Gurgel (2011, p. 202) destaca: “Homero Homem de Siqueira Cavalcanti nasceu em Canguaretama a 05 de janeiro de 1921, tendo falecido no Rio de Janeiro no dia 17 de julho de 1991. (...) Ganhador de inúmeros prêmios literários, Homero Homem tinha especial ternura por sua terra, à qual dedicou vários livros, como *Terra Iluminada*, *O Luar Potiguar* e a novela *Cabra das Rocas*”. Convém ressaltar, no entanto, que apesar da inclusão da obra no gênero novela, aqui adotada pelo próprio Gurgel, algumas referências na imprensa dão conta de *Cabra das Rocas* na qualidade de romance, fato similar ao que ocorre com *As Aventuras de Ngunga*.

(...)

Na boca dos xarias éramos assim canguleiros, comedores de cangulo. O revide completava a terminologia, definia os campos com uma cerca alta e intransponível entre os dois grupos.

Antes do meu nascimento, contavam, havia rixas tremendas nas Rocas. O cacete, a peixeira, a quicé afiada entravam nessas disputas que resultavam sempre em cabeças partidas e barrigas vazadas. Sangue, miolo e fezes servindo de repasto às mutucas enormes, principais beneficiárias daquelas escaramuças. (HOMEM, 1996, pp. 10-11)

Enquanto *As Aventuras de Ngunga* problematiza, através do protagonismo infantil, um momento histórico real, ou seja, a guerra de libertação angolana, *Cabra das Rocas* faz o mesmo, apresentando como cenário de seu protagonismo infantil o conturbado contexto de formação da sociedade natalense em pleno século XX. O que se pode associar ao próprio panorama nacional, visto ser ele marcado por acentuados conflitos de classe, violentos por mais das vezes:

De fato, a Ribeira e a Cidade Alta³ compunham um espaço segmentado e desarticulado, separados que estavam por uma ladeira cascalhenta e escorregadia, sobretudo no dias de chuva, o que se refletia numa forma de organização localista que levava os moradores desses dois bairros a hostilidades mútuas, designando-se, uns aos outros, de modo provocador, de *xarias* e *canguleiros*. (ARRAIS, 2005, p.21)

Enquanto o conflito armado nas selvas angolanas constitui o cenário da luta de Ngunga, a periferia natalense, com toda a sua precariedade, caracteriza o palco onde Joãozinho trava suas batalhas diárias contra as desigualdades sociais:

Saltei do bonde no cais do porto, ganhei o caminho de casa: Rocas da Frente, quem morou lá sabe muito bem como era aquele Paul.

Miasmas de mangue putrefato, cheiro de restos de comida e detritos caseiros espalhavam-se no ar, destilando um odor insuportável e agressivo, de podridão fermentada a golpes de sol.

Cedo me acostumei àquela catanga. A ponto de não compreender por que gente forasteira levava instintivamente o lenço ao nariz quando passava pelas Rocas da Frente.

³ Bairros de Natal, capital do Estado do Rio Grande do Norte.

Aquele era o sinal que identificava o estrangeiro. A molecada de meu tope, vadiando nas poças de água ou jogando tile nos degraus da igreja, refratária a estranhos e instintivamente apegada ao Paul, sentia o gesto como insulto.

Choviam pedradas no luxento. Um vento de palavras perdidas varria o canal.

– Vá tapar o nariz na casa a mãe, xarias! (HOMEM, 1996, p. 9)

Assim como n' *As Aventuras de Ngunga*, o texto de Homero Homem destaca o acesso à educação como arma fundamental para a tentativa de superação das diferenças, haja vista o vitorioso ingresso do jovem protagonista Joãozinho no colégio Ateneu norte-rio-grandense, o que, por si só, contraria pela exceção os previsíveis índices das estatísticas oficiais:

rompendo com a tradição que tão bem se condensava na frase correnteia – “filho de rico para escola; filho de pobre para o trabalho” – eu, filho e neto de marinheiros, me atirava à grande aventura, proibida até então à minha gente, de cursar um colégio oficial de grau secundário, comprar livros, freqüentar aulas, ilustrar-me para concorrer ombro a ombro com os rapazes de família, no pega-pra-capar da luta pela vida. (HOMEM, 1996, p. 8).

Por meio de sua coragem e determinação, Joãozinho é alçado à condição de personagem modelar que com a ferramenta da educação consegue superar os obstáculos sociais, embora não esteja imune à discriminação e ao preconceito:

Afinal eu era um corpo estranho naquele arraial de xarias. Era um canguleiro. Pior, ainda: canguleiro das Rocas, o primeiro a penetrar, assim na raça e cheio de maus modos, naquele ninho de saber misterioso e vasto dos xarias, tão bem representado na inscrição de bronze pregada no pátio interno do velho Ateneu:

BASILIIUS QUARESMA TORREÃO,

PROVINCIAE PRAESUL

(HOMEM, 1996, p. 94)

Do mesmo modo que acontecera com *As Aventuras de Ngunga*, além de guardar similitudes temáticas ao tratar do protagonismo infantil como representação das vontades sociais, *Cabra das Rocas* foi uma obra “Utilizada paradidaticamente” (GURGEL, 2001:83), o que lhe amplia o tom exemplar:

Se a literatura não é o reflexo da realidade humana, conforme entendemos ela, por outro lado não deixa de expressar as marcas do passado, os traços do presente e de lançar projeções futuras. Sendo assim, configura-se enquanto meio possível de se reinterpretar, reler, recriar realidades e, também, transcendê-las. A linguagem literária torna-se, desse modo, um campo fértil às imersões sociais, existenciais, críticas, reflexivas, étnico-raciais, entre tantas outras ações e sensações humanas. E os personagens são, certamente, seres importantes nessa imersão. (OLIVEIRA, 2010, pp. 84-85).

Dessa forma, os personagens Ngunga e Joãozinho configuram leituras críticas da inserção do jovem em uma sociedade conflituosa, sendo esses jovens representações do triunfo do novo sobre o velho, isto é, a superação dos problemas, das injustiças, ambos servindo de exemplo para a sociedade. Assim, o jovem Ngunga representa “o guerrilheiro-modelo, norte dos caminhos e das esperanças, fazendo-se, por um lado, presença que atualiza o imaginário coletivo nacional” (CAETANO, 2006, p. 50); delineando também um “substrato ontológico, a nova base de valores que deverá sustentar a identidade nacional a ser construída” (idem, 2006, p. 50). Enquanto Joãozinho simbolizaria a superação dos problemas sociais que afligem historicamente a sociedade brasileira e seria também um cidadão-modelo, um tanto rude pela origem, mas cheio de coragem e de força de superação e transformação.

O breve exercício comparativo de que nos ocupamos através da releitura crítica de *As Aventuras de Ngunga* e *Cabra das Rocas*, centrada no protagonismo infantil e nas representações da infância não pretendeu, obviamente, esgotar o vasto campo de possibilidades analíticas que as obras em questão sinalizam. Tais caminhos se nos afiguram muito pertinentes e promissores na direção de outros exercícios comparativistas, recortando pelo viés da representação da infância uma maior aproximação entre as literaturas de língua portuguesa como um todo. Pelo exposto, esperamos que, além de difundir e aprofundar o conhecimento em torno do texto literário africano de língua portuguesa para a infância e a juventude, tal procedimento contribua para o incremento, também a partir do Brasil, da produção de uma fortuna crítica específica que, acreditamos, possibilitará a inserção desses textos na pauta de preocupação da pesquisa acadêmica de maneira mais consistente e inclusiva, bem como o estabelecimento de uma presença mais expressiva dos mesmos na grade curricular dos cursos de Letras.

REFERÊNCIAS

ARRAIS, Raimundo. O Nascimento do Cronista e o Nascimento da Cidade de Natal. In: CASCUDO, Luís da Câmara. *Crônicas de Origem*. Natal: EDUFRN, 2005, pp. 9-79.

BAYER, Adriana. “Juventude: a travessia entre margens móveis”. In: Letrônica, Porto Alegre: PUCRS, dez. 2008, v.1, n.1, pp.266-280. Disponível em: revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/.../3562 Acesso em: 3 mar 2011

CAETANO, Marcelo José. *A pedagogia da esperança em As aventuras de Ngunga*. Scripta, Belo Horizonte, v. 10, n 19, p. 43-53, 2º sem. 2006.

GURGEL, Tarcísio. *Informação da literatura potiguar*. Natal/RN: Argos, 2001.

HOMEM, Homero. *Cabra das Rocas*. 13 ed. São Paulo: Editora Ática, 1996.

KHÉDE, Sonia Salomão. *Personagens da literatura infanto-juvenil*. 2 ed. São Paulo: Editora Ática, 1990.

LARANJEIRA, Pires. *Literaturas africanas de expressão portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta, 1995.

Lei Nº 10.639, de 09 de janeiro de 2003.
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/10.639.htm

Lei Nº 11.645 de 10 de Março de 2008.
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2008/11.645.htm

MACEDO, Tânia e CHAVES, Rita. *Literaturas de Língua Portuguesa: marcos e marcas - Angola*. São Paulo: Arte e Ciência, 2007. (Coleção Literaturas de Língua Portuguesa). Organizadoras: Maria Aparecida Santilli e Suely Fadul Villibor Fleury.

OLIVEIRA, Maria Anória de Jesus. *Personagens negros na literatura Infanto-juvenil no Brasil e em Moçambique: entrelaçadas vozes tecendo negritudes*. João Pessoa: UFPB, 2010. Tese de doutoramento.

PADILHA, Laura Cavalcante. *Entre a voz e a letra: o lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX*. Niterói: EdUFF, Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2007.

PESTANA, Artur. *As aventuras de Ngunga*. São Paulo: Ática, 1981.

QUEIROZ, Amarino Oliveira de. *As Inscrituras do Verbo: dizibilidades performáticas da palavra poética africana*. Tese de Doutorado em Teoria da Literatura. Recife: UFPE, PGLetras, 2007.

VENÂNCIO, José Carlos. *Literatura e Poder na África Lusófona*. Lisboa: Ministério da Educação Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1992.